

Esquinas del Sur 2ª edição
I Simpósio Interdisciplinar da UNIPAMPA Jaguarão
8 e 9 de outubro de 2024

Memorabilia Esquinas del Sur



Organizadores:
Geice Peres Nunes
Ginter Tlajja Leipnitz
Euarda Fernandes Jaime Leão

Ficha catalográfica Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M533 Memorabilia Esquinas del Sur / organizadores : Geice Peres Nunes, Ginter Tlajja Leipnitz e Eduarda Fernandes Jaime Leão. Jaguarão : [s.n.], 2025.
71 p. : il., color

Este ebook reúne trabalhos do I Simpósio interdisciplinar da Unipampa Jaguarão: esquinas del sur, realizado em 8 e 9 de outubro de 2024.

ISBN: 978-65-01-74052-2

1. Literatura. 2. Arte. 3. Música. 4. Fotografia. I. Nunes, Geice Peres (org.). II. Leipnitz, Ginter Tlajja (org.). III. Leão, Eduarda Fernandes Jaime (org.). IV. Título

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada por Kauana Rodrigues Amaral CRB10/2254.

ISBN: 978-65-01-74052-2

Comissão organizadora:

Ginter Tlajja Leipnitz

Geice Peres Nunes

Leticia de Faria Ferreira

Luis Fernando da Rosa Marozo

Maria do Socorro de Almeida Farias Marques

Sandro Martins Costa Mendes

Tonia Ribeiro da Silva

Brian Martin Cucchi Texeira

Eduarda Fernandes Jaime Leão

Gabriel Bezerra de Andrade

Gisele Costa

Isadora Cabreira da Silva

João Victor Hasfeld

Juliana Iglecias Kosbi

Lucas Dutra

Luís Felipe da Rosa Burgos

Mangela Brites

Rodrigo Soria de Moraes

Andréa da Gama Lima

Duglas Lima Bessa

Hector Enrique Rojas Farias

Lauro Luís Borges Júnior

Taiane Alanis Born

Apoio:

Programa de Fomento às Atividades Culturais e Criativas (PROACC) - Unipampa,
Sinasefe (Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e
Tecnologia)

Secult (Secretaria de Cultura e Turismo de Jaguarão)

Chácara da Imbira

Áudiomix Som Luz e Eventos

Fotógrafo Mateus de Souza Teixeira

Cinegrafista Julio Raymundo

Hotel Crigial

Conceito Casa

Imobiliária Sulino

Pane Mio

Floricultura Beija Flor

SUMÁRIO

Mais um encontro nas Esquinas del Sur - Apresentação.....	5
Poema <i>O aviso das garças</i> - Martim César.....	7
Arte, meio ambiente e ensino: conferências e narrativa fotográfica.....	8
A natureza como mãe: de Gaia a Medeia - Luis Fernando da Rosa Marozo.....	9
Esquinas em outras perspectivas: emergência climática e narrativas ameríndias - Letícia de Faria Ferreira.....	14
Arte y medio ambiente - Fotonarrativa - Juan Carlos Muniz.....	18
Caderno de Resumos do I Simpósio Interdisciplinar da Unipampa Jaguarão.....	23
Paisagens culturais: identidade e resistência.....	24
Olhares estéticos: reconfigurações.....	34
Poema <i>A casa de todos nós</i> - Martim César/Pedro Munhoz.....	40
Galeria.....	41
Sarau América Latina “El llamamiento de la tierra”	64
Esquinas: abertura e intertextos.....	65
Canções e poemas performados.....	68
Artes do Esquinas - Fotografias Niel Nié.....	70

Mais um encontro nas Esquinas del Sur - Apresentação

O Esquinas del Sur é um evento que, desde a sua primeira edição, em 2023, compartilha com seu público a consciência crítica e o debate de pautas pertinentes para o mundo que almejamos construir: livre de opressão, diverso e sem desigualdades, saudável e habitável, com direito à cultura em todos os seus estratos e formas; com a arte como veículo de formação e humanização. A segunda edição do Esquinas del Sur e o I Simpósio interdisciplinar da Unipampa “Llamamiento de la tierra”, realizados em 8 e 9 de outubro de 2024, abriram espaço para debater o cenário atual e para fazer desse evento cultural, com criticidade e ativismo, mais um alerta que ressoa desde *el Sur* para outros espaços.

A frequência dos eventos climáticos extremos saiu do campo das projeções para se tornar a realidade de cada organismo vivo no mundo. Em consequência disso, há pelo menos dois anos, diferentes lugares - assim como as nossas esquinas mais imediatas - sofrem com enxurradas, alagamentos, enchentes, estiagens, frio ou calor, com a mesma fúria e a mesma paridade em qualquer lugar do globo. O momento extremo provém de um meio ambiente degradado pela ação predatória do ser humano que, segundo as Nações Unidas¹, se dá tanto no uso incorreto dos recursos naturais, quanto na exploração de riquezas minerais para geração de energia, para o uso nos transportes, para a produção de bens de consumo, pelo consumo excessivo da população mundial, entre outros fatores. Essas ações são tão impactantes que denominam a contemporaneidade como Antropoceno.

Em *O olhar ecológico*², Andrew Patrizio (2023, p. 71), orientado pelas ideias de pensadores da ecocrítica, reflete sobre a história da arte e a ecologia, ressaltando valores bastante pertinentes que precisam ser manejados na relação com o meio ambiente: reconhecimento de que os recursos naturais são coletivos e compartilhados por uma comunidade que depende de todo o sistema composto por seres humanos, animais e plantas, água e terra; entender a existência humana em consonância com os ecossistemas naturais; desenvolver a consciência da interdependência; adotar a sustentabilidade como prática para não onerar as gerações futuras; entender a diversidade social e biológica como benéficas para a cultura em suas diferentes acepções; colocar discursos e ações em sintonia em prol dos sistemas ecológicos; construir pontes entre os diferentes saberes e as comunidades em suas diversidades, valorizando as contribuições de cada uma delas para o funcionamento do coletivo. Patrizio reflete sobre o ecocriticismo nas artes, portanto, por essa razão, suas considerações se tornam pertinentes para definir a proposta do Esquinas del Sur, que vincula linguagens artísticas e diferentes áreas do saber como formas de conscientizar a grande rede que é a natureza, o homem e suas ações.

1 NAÇÕES UNIDAS. Causas e efeitos das mudanças climáticas. Disponível em: <https://www.un.org/pt/climatechange/science/causes-effects-climate-change>. Acessado em: jan. 2025.

2 PATRIZIO, Andrew. *O olhar ecológico*: a construção de uma história da arte ecocrítica. Tradução Bhuvi Libanio. Campinas (SP): Editora da Unicamp., 2023.

Sendo assim, esta *Memorabilia do Esquinas del Sur* é o resultado do compromisso que assumimos ao idealizar um projeto que se propôs, desde o princípio, a educar com arte de diferentes procedências, sendo orientado pelo diálogo entre o discurso da história, a literatura e a música. Ao mesmo tempo, conectou o saber científico e as expressões artísticas que inspiraram cada atividade realizada. Converteu-se, assim, em uma publicação que representa uma amostra de tudo o que foi apresentado neste evento.

A capa desta publicação traz um painel com a logomarca do evento, criada por Sandro da Costa Mendes, como base para, com técnicas de bordado e pintura, traçar as sendas desta edição. Essa trilha ganha sentido através de linhas orgânicas de plantas, unidas a fragmentos musicais, costurando os materiais sustentáveis às expressões que nos formam; desse modo, transformam-se em mantras e reverberam o nosso olhar para o mundo. O painel foi produzido por Amanda Helena Oliveira Rodrigues, Amanda Luisa Arcoverde Gomes, Andressa Machado de Machado, Brenda Florindo Vargas, Deborah Viana Pereira, Geice Peres Nunes e Lauren Luiza Cassol Prestes.

O livro está organizado em três partes. A seção “Arte, meio ambiente e ensino” reproduz conferências apresentadas nas quais o leitor encontrará “Esquinas em outras perspectivas: emergência climática e narrativas ameríndias”, de Letícia de Faria Ferreira; “A natureza como mãe: de Gaia a Medeia”, de Luis Fernando da Rosa Marozo; além de “Arte y medio ambiente” - uma fotonarrativa com a arte de Juan Carlos Muniz.

“Caderno de resumos”, segunda parte desta publicação, reúne os onze trabalhos apresentados nas duas salas de comunicação no dia 9 de outubro de 2024, intituladas “Paisagens culturais, identidades e resistência” e “Olhares estéticos: reconfigurações”.

A terceira parte, “Galeria”, apresenta a memória fotográfica do Esquinas del Sur segunda edição, com fotografias de Mateus de Souza Teixeira, de Julio Raymundo, de Niel Nié e outros, cujas imagens conferem uma amostra de todas as ações realizadas em 2024. Além de registros fotográficos das conferências e das sessões de comunicação, registramos também o espetáculo musical “Gambano e os Aventureiros Ambientais”, voltado para o público infantojuvenil, realizado no Auditório da Unipampa na tarde do dia 8 de outubro. Por fim, o Sarau Artístico “América Latina: Llamamiento de la tierra” - cujo tema homenageou os compositores Hélio Ramirez e Martim César - atração que encerrou a segunda edição do “Esquinas del Sur”, na noite de 9 de outubro, no Teatro Esperança, com performances dos artistas Helio Ramirez e Regis Bardini, Martim César, Duglas Bessa e Hector Rojas, Abriendo Porteiros, Sami & Edgar e Marcela Mescalina.

Entregamos a vocês a *Memorabilia Esquinas del Sur*, com a intenção de guardar momentos especiais para a formação acadêmica e cultural da comunidade da Unipampa e da comunidade que abraça nossa universidade.

Os organizadores.

O aviso das garças

Há uma sanga diferente
Nas quadras da capital
Onde havia tanta gente
Só se avista um banhadal

São garças de palas brancos
Com lambaris em seus bicos
Não há som de freio ou de arranco
Mesmo no horário do pico

Seria bela essa imagem
Não fosse estar esse quadro
Refletindo em sua paisagem
Tanto lar abandonado

Pareço ver nessas aves
De porte altivo e bonito
Um recado claro e grave
Em folhas brancas descrito

É hora da humanidade
Ver mesmo o que vale mais
A exploração sem piedade
Ou os seus bens naturais

Dois rumos têm esse aviso
Duas margens no banhada
Em uma está o paraíso
Em outra... um ponto final.

Martim César

ARTE, MEIO AMBIENTE E ENSINO
Conferências e narrativa fotográfica

De Gaia à Medeia: a relação trágica entre a Natureza e o Homem

Luís Fernando da Rosa Marozo

Este texto é o registro de uma fala proferida na mesa redonda intitulada “Arte, meio ambiente e ensino” apresentada no II Esquinas del Sur. Proponho, aqui, uma reflexão a partir de dois mitos da tradição grega que de modo artístico nos ensina a relação entre o Humano e a Natureza.

Pensar a Natureza como Gaia, a “Mãe Terra” não é algo restrito a cultura Grega. Pachamama, Ostara, Nerthus, Haumea, Pele, Priti possuem diferentes formas, mas guardam em comum a relação com a fertilidade, a proteção, ou seja, com o equilíbrio da vida. As religiões e tradições espirituais costumam referenciar as Deidades femininas como árvores, animais, rios, enfim, como elementos que geram a vida. De modo geral, a Mãe Natureza também representa a interdependência de todas as formas de vida terrena. Nesta perspectiva cada ser vivo tem papel fundamental no ecossistema, pois faz parte do equilíbrio ecológico necessário. Tomando Gaia e de Medéia como metáforas, podemos compreender que esses mitos lembram à humanidade sobre a importância do fluxo da vida, sobre a necessidade de o Homem encontrar conexão espiritual com a Natureza e sobre a nossa responsabilidade com o equilíbrio dos ecossistemas.

É preciso entender que a humanidade enfrenta desafios ambientais significativos. Isso fica evidente nas mudanças climáticas e na degradação das paisagens naturais e dos recursos não renováveis. Se entendemos a Natureza apenas como a Gaia, a Grande Mãe que protege e dá vida, ignoramos que nossas ações podem produzir a Medéia, a mãe que mata seus filhos (efeito do modo que fora tratada).

A perspectiva de que a Natureza é feita para nos servir tem sua arqueologia a partir da modernidade quando a racionalidade vai ganhando força e a Ciência torna-se um novo Deus. Michel Foucault em “As Palavras e as Coisas”, faz uma descrição histórico-estrutural dos discursos sobre os saberes em diferentes períodos históricos chamados por ele de epístemes (FOUCAULT, 2007). As descrições, na arqueologia de Foucault, não conferem privilégio e distinção entre tipos de discursos, isto é, para a arqueologia, o saber como objeto de investimento analítico pode ser delimitado nas suas mais diversas manifestações. Por outro lado, este método problematiza os regimes de racionalidade e a perspectiva da história como um discurso contínuo. Nesse sentido, a análise histórica dos saberes é marcado pelo momento de sua arqueologia e pelas condições estruturais de produção de discurso em determinado regime de racionalidade existente.

Dessa maneira, para o Francês, a abordagem que opõe razão e sensibilidade não é algo natural, mas resultado de um momento histórico, no qual as ciências de uma sociedade burguesa e técnico-científica são constituídas. O Racionalismo Moderno, séculos XVII, o Idealismo Transcendental, século XVIII, e o Positivismo, século XIX, constituem um sistema epistêmico que promove um olhar no qual natureza/civilização são opostos e o mito é um discurso que se opõe à ciência. Os estudos de Gaston Bachelard são fundamentais para a problematização destes pressupostos opostos. Isso quer dizer que Foucault e Bachelard, ambos franceses, são importantes para entender que um olhar para o passado pode ser um modo de problematizar a formação de uma episteme que acredita no triunfo da razão sobre a sensibilidade e na perspectiva da exploração dos meios naturais para o lucro financeiro.

O mito de Gaia e o mito de Medéia também são constituídos em momentos históricos e são representativos de um olhar marcadamente histórico, mas sua leitura pode apontar para uma questão contemporânea que é a relação entre o Homem e a Natureza. Neste sentido, o objetivo desta reflexão não é revelar através da leitura dos mitos uma verdade oculta, mas apontar através da leitura um novo olhar para aquilo que está evidente, mas obnubilado pela lógica capitalista, qual seja, a iminência da crise ambiental que já resultou na extinção de várias espécies.

O mito de Gaia está registrado no livro *“Teogonia”* de Hesíodo, um proeminente autor da antiguidade clássica, que viveu entre o século VIII e VII a.C. As datas não são muito precisas. O local de nascimento também é objeto de debate entre estudiosos, mas a cidade Grega de Ascra na Beócia, é frequentemente reconhecida como sua cidade natal. Descrito como um poeta rural, Hesíodo foi criado em uma família de agricultores e a natureza tem um papel fundamental em sua obra. Seus escritos oferecem percepções sobre a sociedade grega pré-clássica e representam um dos poucos registros existentes da Grécia rural durante a Era Arcaica. Parece evidente que a ênfase na moralidade, na ética do trabalho e na vida agrícola ecoa os valores e experiências que Hesíodo adquiriu de seu próprio contexto familiar e social. Em *“Teogonia”*, explora a origem dos deuses e as complexas relações familiares entre eles; além disso, serve como guia da cosmogonia grega e da mitologia.

Neste período a arte não estava dissociada da religião e a ciência era pensada como filosofia. A relação Homem e Natureza dava-se através de narrativas nas quais esta era um reflexo daquele. A *“Teogonia”* narra as três gerações anteriores ao surgimento do homem: os primórdios com a ordenação e o início da vida (Gaia e Urano), a segunda geração como o surgimento do tempo (Cronus e Réia) e a terceira geração com o estabelecimento das instituições (Zeus e Hera) e o surgimento dos semideuses (morte). Da união entre Gaia (Terra) e Urano (Céu) surgiram doze Titãs, os deuses pré-olímpicos. São seis deuses (titãs) e seis deusas (titânides). Existem outros titãs, como Atlas e Perses, contudo, os filhos de Gaia e Urano são mais citados, pois, liderados por Cronos, destituíram Urano e formaram a segunda geração.

Embora seja uma narrativa que busca explicar o que existia antes dos Homens, “Teogonia” apresenta uma realidade evolutiva na qual os filhos buscam superar a opressão dos pais e ganharem protagonismo. Esta perspectiva aponta para a ideia de superação de uma geração para a outra e para a noção da busca pelo poder. Cronos castra o pai e o sangue de Urano caiu na Terra fazendo surgir os gigantes; seus testículos caíram no mar, criando uma espuma que originou Afrodite, deusa do amor e da sexualidade. Urano profetizou que, assim como ele, Cronos seria destituído por um de seus filhos. Devido a essa profecia, Cronos engolia seus filhos.

A perspectiva apontada em Hesíodo remete a ideia de que os elementos masculinos são ambiciosos e buscam o poder, mas quando o alcançam reproduzem a violência que sofreram e procuram subjugar seus filhos. Entretanto, os elementos femininos são geradoras de vida e de proteção contra o jugo do poder masculino. Segundo Hesíodo, no princípio surge Eurínome (o Mar Cósmico), Ela gera Ofíon (a Luz) e da união de ambos nascem Gaia (Terra), Tártaro (o abismo), Eros (o amor), Érebo (as trevas) e Nix (a noite). Gaia, Geia ou Gé na mitologia grega, é a Mãe-Terra, como elemento primordial e latente de uma potencialidade geradora imensa. Gaia é símbolo de vida e de ordenação porque é gerada do Caos e dela advém o futuro. Sem aprofundar muito, é possível perceber que a partir de Eurínome, princípio feminino, surge Ofíon, princípio masculino, ou seja, de um lado vem a vida e de outro a luz. Na modernidade, a Luz é o elemento que sustenta o mundo, as tecnologias, mas esquecemos que a Luz vem das forças da natureza.

Do latim, a palavra Natureza significa nascimento, mas esta visão relacionada à Gaia sugere a mãe na sua face apenas resiliente e bondosa. Entretanto, entre os mitos há a figura de Medéia, que não obstante estar ligada a resiliência, proteção, quando desrespeitada, abusada surge como uma figura sem piedade diante de seus abusadores.

Na mitologia grega, Medeia era filha do rei Eetes, (aparece, algumas vezes, como filha, como irmã ou sobrinha de Circe e outras como filha de Hécata), ou seja Medéia está na categoria das semideusas. Seu mito está presente ao longo da história em diferentes artes como cinema, escultura, pintura e teatro.

Apesar de o mito de Medeia, de forma mais completa ser encontrado no ciclo narrativo, “*Argonautas*”, de Apolônio de Rodes (século III a.C.); a versão mais conhecida é a tragédia *Medeia*, de Eurípides, encenada em 431 a.C. no festival de Dionísio, em Atenas. Neste festival, todos os anos, três dramaturgos competiam entre si, cada um escrevendo uma tetralogia, tendo Eurípides apresentado além de Medeia três peças que se perderam: as tragédias *Filotetes* e *Díctis* e a sátira *Theristai*. Naquele ano a competição foi entre Eufórion (o filho de Ésquilo), Sófocles e Eurípides. Eufórion ganhou, e Eurípides foi o último classificado.

No mito, Jasão vai até a Cólquida, reino do pai de Medéia, em busca do “Tosão de Ouro”, o obstáculo mais difícil para recuperar seu reino. A filha do rei que é conhecida por suas habilidades na arte da feitiçaria, apaixona-se perdidamente por Jasão e por isso, trai sua pátria e sua família em prol do estrangeiro. Jasão tirou proveito dos feitiços e encantamentos da feiticeira e sem esforço partiu da Cólquida levando consigo o Medeia e o Velocino de Ouro. A peça inicia com Medeia enraivecida com Jasão por este se casar com Glauce, filha de Creonte (rei de Corinto). Além disso, a protagonista seria exilada de Corinto e não teria mais para onde ir, na medida em que era vista como uma traidora. Medeia convence Jasão que está conformada com a traição e envia seus filhos com um manto e uma coroa envenenada para Gláucia. No final, Jasão descobre que a noiva e o pai estão mortos e, ainda assiste a morte de seus filhos.

Na tragédia, a própria Medeia é quem mata os filhos antes de fugir para Atenas, não em um acesso de loucura, mas como um ato frio e premeditado de vingança em relação a Jasão, a quem se doou totalmente e apenas recebeu desprezo. Medéia não remete a ideia da mãe que protege e gera a vida, incondicionalmente, como Gaia; mas a mãe que é capaz gerar a morte e a destruição. Medéia, depois de proteger e gerar a vida é traída pela ambição e pela desmedida. Jasão usufrui dos conhecimentos da semideusa, mas não valoriza seus esforços.

Medéia pode explicar um elo cultural e civilizacional de um mundo antigo no qual Gaia remete a mãe que cumpre a função de gerar e proteger a vida, para um mundo no qual a razão, a tecnociência e o lucro tornaram-se centros. O Homem esquece que estas conquistas resultam da relação entre o Homem e o meio ambiente; assim como Jasão esqueceu que sua conquista Medéia pode explicar um elo cultural e civilizacional de um mundo antigo no qual Gaia remete a mãe que cumpre a função de gerar e proteger a vida, para um mundo no qual a razão, a tecnociência e o lucro tornaram-se centros. O Homem esquece que estas conquistas resultam da relação entre o Homem e o meio ambiente; assim como Jasão esqueceu que sua conquista resultou não apenas de sua força, mas, sobretudo, dos conhecimentos de Medéia. O fim trágico de Jasão (a morte de Gláucia e dos filhos que representa a morte de seu futuro) aponta um fim trágico para o Homem, se não entendermos que a Natureza não existe para nos servir.

Os mitos de Gaia e de Medéia demonstram que através da arte podemos aprender a olhar diferente para o meio ambiente, pois além de nos humanizar, também problematiza a visão na qual o Homem é visto como um elemento excluído da natureza. Por outro lado, a atitude neoliberal pensa a natureza como um espaço inesgotável e que deve apenas servir ao Homem, mas esta atitude pode resultar em sua morte. Muitas espécies já passaram pelo planeta e foram exterminadas, mas a natureza permaneceu... a prepotência do Homem de acreditar que é mais inteligente e sábio que a natureza pode resultar no nosso extermínio.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2001.

EURÍPEDES. **Medéia, As Hipólitas, As Troianas**. Trad. e estudo Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes. 2007.

HADOT, Pierre. **O véu de Ísis: ensaio sobre a história da ideia de natureza**. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. Trad. e estudo Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras. 2003.

Esquinas em outras perspectivas: emergência climática e narrativas ameríndias

Letícia de Faria Ferreira

*“Há uma devastação
nas plantas e nos seres;
o homem recurvado
com a pálpebra nos joelhos.
As lavas soprarão,
enquanto nós vivermos.”*

(Carlos Nejar, Poema da Devastação)

Este breve ensaio apresentado no evento Esquinas del Sur reflete sobre questões ambientais, com integrantes do Brasil e Uruguai. A educação ambiental, a crise climática e as políticas de gestão do ambiente em cada um dos países foram temas abordados. A temática do antropoceno e as concepções indígenas de natureza são temas que trabalho nas disciplinas de História e Cultura Indígena e Narrativas Ameríndias. As forças e tramas que entrelaçam outras perspectivas sobre a relação do humano com os outros seres manifestam a diversidade de formas como as experiências e vivências são concebidas. O encontro é sempre o marco inicial para o que virá a ser a relação e a definição de cada um dos seres envolvidos. Isso é um pouco do que, na antropologia, temos definido como perspectivismo ameríndio, buscando entender como é “virar onça”. Ou chegar perto de entender, exercitar o ofício da escrita etnográfica. Um devir outro. A ideia aqui é andar por trilhas que repensam a visão ocidental do humano na natureza e redefinem sua relação com outros seres.

Para tal, busco aproximação com as reflexões de Davi Kopenawa (2010:02) “Não nos perguntamos como os brancos: ‘o que está acontecendo de repente com a Terra?’ Sabemos que o que está acontecendo de ruim não é por causa de nossa marca nesse chão. Se fosse, a gente tentaria consertar logo!” Depois das catástrofes ambientais em maio no Rio Grande do Sul, a enchente em Porto Alegre e os alagamentos em Jaguarão e Rio Branco/UY parecemos perplexos, ouvimos muitas pessoas dizendo que o mundo não é mais o mesmo, que antes não chovia assim, e todo mundo preocupado com a frequência dos eventos climáticos extremos. Preocupados com a fumaça que fez a chuva cair cinza e tóxica. Todavia, pouco temos feito para apagar ou minimizar nossa pegada destrutiva na Terra. Para Kopenawa, nós, os brancos, só sabemos destruir as florestas e revirar as profundezas da terra para produzir cada vez mais mercadorias.

A premissa do antropoceno (palavra tão em voga ultimamente) pode incorrer numa injusta culpabilização de todos os habitantes do planeta, conforme nos lembra Eliane Brum, afinal, são poucos, pouquíssimos, os poderosos que devoram e usufruem das riquezas da terra que é de todos; compartilham apenas os danos ocasionados por seus rastros de destruição. Nesse sentido, atribuir o antropoceno – como a era dos impactos dos humanos sobre o planeta – ao coletivo apenas retira a culpa da destruição praticada por grandes conglomerados capitalistas geridos por poucas pessoas e a recoloca sobre uma espécie de abstrata conduta destrutiva da humanidade como um todo. É preciso retomar o sentido da expressão de Kopenawa “toda essa destruição não é nossa marca”, observar que os povos originários estão dando o recado da mata, como escreve Viveiros de Castro, e que a queda do céu será, inevitavelmente, sobre todos.

Ainda com Viveiros de Castro, Davi Kopenawa em sua obra “A queda do Céu” discorre num diálogo com Bruce Albert, sobre sua cultura ancestral e descreve “as características monstruosas da civilização ocidental como um todo e de prever um futuro funesto para o planeta.” (KOPENAWA; ALBERT: 2015: 12).

Assistimos alarmados os efeitos das destruições ambientais: alagamentos, enchentes, ciclones, queimadas, fumaça, chuva tóxica e tentando entender, lendo prognósticos sobre um futuro sombrio percebemos que retrocedemos a cada dia nas políticas de gestão ambiental. A bancada do boi, o lobby do agronegócio, não vacila em passar a boiada sobre a legislação ambiental e estender seus perversos e gananciosos tentáculos sobre as terras indígenas. Recentemente a assembleia legislativa do Rio Grande do Sul aprovou a pulverização aérea de agrotóxicos e ampliou as autorizações para agroquímicos altamente prejudiciais à saúde e ao ambiente. Com anuência e incentivo do estado, assistimos ao aumento da área plantada com commodities de exportação. Tramita no Congresso a privatização das praias e a infundável lei do Marco Temporal, nada mais que uma medida grotesca de apropriação dos territórios ancestrais dos povos autóctones.

Retrocedemos a passos largos os poucos avanços constitucionais que tivemos com a constituição de 1988, que abandonou a tese da integração dos povos originários ao reconhecer organização social, línguas, tradições e costumes. Do texto constitucional nota-se que “os direitos dos índios às terras por eles tradicionalmente ocupadas preexistem ao próprio reconhecimento constitucional.” A tese do Marco Temporal é inconstitucional, pois, ressalta-se que a respeito dos povos indígenas, o único marco temporal trazido pela Constituição foi o prazo de cinco anos para que a União demarcasse todas as terras indígenas, o que, intencionalmente, não tem sido cumprido por diferentes governos. Privatizar e repassar as terras indígenas para grandes empresários do agro é motivo fundante do marco temporal, visando infligir aos povos indígenas uma lógica capitalista, de consumo e empregos precarizados. Além disso, desconsidera anos de lutas, extorsões e violências que expulsaram os povos de suas terras tradicionais.

Com os trabalhos da Comissão da Verdade e a “descoberta” do relatório Figueiredo ficamos sabendo dos abusos e etnocídios cometidos pela ditadura militar aos povos indígenas. A proposição do agro do Marco Temporal visa impedir os movimentos de retomada, por meio dos quais, povos que foram afastados de suas terras e foram considerados extintos reapareçam e voltem a se organizar. Para José Afonso da Silva (2018, p. 25), a ideia do marco temporal é contrária à Constituição, sendo, portanto, inconstitucional, pois em nenhum momento o texto constitucional faz menção a essa data, no caso, 1988. A Constituição, no art. 231, §1º18, utiliza a palavra “**reconhecidos**” para explicitar que os direitos dos povos indígenas já existiam antes mesmo da promulgação da Constituição. Se tivesse sido utilizada a palavra “**conferidos**”, talvez coubesse discussão, mas não foi o caso. Esse reconhecimento não é transitório, como outrora em que se reconhecia o direito à terra e esperava-se a integração do indígena; trata-se de um reconhecimento permanente. Outro autor aponta para os aspectos políticos da decisão pelo marco temporal: quando trabalha com data certa, então, diz *que trabalhe com data da primeira legislação que reconheceu o direito dos povos indígenas às suas terras: a Carta Régia de 1611, promulgada por Felipe III*. Qualquer retrocesso constitucional no que tange aos direitos indígenas precisa ser correlacionado com a destruição ambiental. O modo de vida capitalista ocidental não necessariamente é o desejado por todos os povos do planeta como o sistema nos faz pensar. Marshall Sahlins foi capaz de argumentar solidamente contra a ideia de que a transição de modos de vida caçadores-coletores para agricultores implicou em melhoras nas condições de vida. Sahlins argumenta que nas sociedades de agricultores ocorre perda do tempo de lazer e aumento dos dias dedicados a atividades ligadas à subsistência. (Sahlins, 1972).

Nesse sentido, podemos pensar com o conceito de sociedades frias e quentes proposto por Lévi-Strauss e que tantas controvérsias causou. Não parece acertado sugerir que Lévi-Strauss tenha proposto esses conceitos para hierarquizar diferentes sociedades e que sociedades frias fossem sem história ou menos desenvolvidas que as sociedades quentes. O que está posto pelo autor no livro *O pensamento Selvagem* é uma reflexão apurada sobre as diferentes formas e perspectivas com que as sociedades conduzem seu processo histórico e suas projeções de futuros. Sinteticamente: são mudanças lentas, equilíbrio e continuidade *versus* o motor do desenvolvimento, impulsionando o dito progresso que devora a terra e derruba o céu.

REFERÊNCIAS.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A Quedo do Céu**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

_____. **"Toda essa destruição não é nossa marca, é a pegada dos brancos, o rastro de vocês na terra"** depoimento Yanomami por Davi Kopenawa. ISA: Povos Indígenas no Brasil 2006-2010 (ISA).

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papyrus, 1989.

LIBOIS, Rachel Dantas; SIVA, Robson José da; **Marco temporal, Supremo Tribunal Federal e direitos dos povos indígenas: um retrocesso anunciado**. PerCursos, Florianópolis: v. 22, n. 48, p. 399 - 429, jan./abr. 2021. p.403

SAHLINS, Marshall. **Stone Age Economics**. Routledge; 1st edition, 2017.

SILVA, José Afonso. **Parecer**. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; BARBOSA, Samuel (orgs.). Direitos dos povos indígenas em disputa. São Paulo: Editora Unesp, 2018. p. 17-42.

Arte y medio ambiente - Esculturas de Juan Carlos Muniz em uma narrativa fotográfica

Juan Carlos Muniz, artista plástico uruguaio, tem o seu legado à fronteira apresentado através do registro fotográfico de sua produção artística. Suas esculturas preenchem o espaço fronteiro com poesia, integração e ressignificação de metais reaproveitados pelas mãos hábeis e pela sensibilidade artística.

Vencedores (Fevereiro 2020) - Juan Carlos Muniz e Elias Pereira



Imagem: Fabiano Severo Bertoncetto

*En homenaje a los 93 años de la inauguración del Puente Internacional “Barón de Mauá” -
Juan Carlos Muniz (2023)*



Imagem: Fabiano Severo Bertoncetto

Chacrerros - Elias Pereira e Juan Carlos Muniz (2011)



Imagem: Fabiano Severo Bertoncello

Jaguar de la Boca del Tigre - Juan Carlos Muniz (2023)



Imagem: Fabiano Severo Bertoncello

A el primer poeta de la patria - Bartolomé Hidalgo (1788 - 1822) - Juan Carlos Muniz (2023)



Imagem: Fabiano Severo Bertoncetto

**CADERNO DE RESUMOS DO I SIMPÓSIO
INTERDISCIPLINAR DA UNIPAMPA JAGUARÃO**

Paisagens culturais: identidade e resistência

MÚSICA E RESISTÊNCIA: ANÁLISE DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA DOS PALESTINOS SHADIA MANSOUR E BASHAR MURAD CONTRA O COLONIALISMO ISRAELENSE

Maria Beatriz Vieira Marrano

E-mail: mariamarrano.aluno@unipampa.edu.br

Universidade Federal do Pampa

Orientador: Prof. Dr. Edison Bisso Cruxen

O Laboratório de Estudos de História do Mundo Árabe e Islã (LEHMAI) da Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, promove projetos de pesquisa e extensão, eventos acadêmicos e grupos de debate referentes à temática da história da colonização israelense no território da Palestina. Desde seu início em 2018, o projeto “InterLabs” busca conectar o LEHMAI com outros grupos de estudos da Unipampa, fomentando discussões acerca da Palestina e dos objetos de estudo dos grupos convidados. Em fevereiro de 2023, durante o IV InterLabs, o LEHMAI se reuniu com o projeto “Musicando a História”, que explora as interseções entre produção musical e conhecimento histórico. Nesse encontro, foram apresentadas e analisadas músicas que refletem a resistência palestina frente ao colonialismo israelense. O presente resumo propõe uma análise de duas dessas músicas e de seus respectivos artistas. A primeira produção a ser analisada é Somos Sur, da rapper chilena Ana Tijoux e da rapper Shadia Mansour, conhecida como a “Primeira-Dama do Hip Hop Árabe”. Mansour nasceu em Londres e é filha de pais palestinos em diáspora na Inglaterra. Com versos em espanhol e árabe e uma melodia marcada por instrumentos característico das duas culturas, Somos Sur é um chamado à resistência dos países do Sul Global. Em trechos como “Fuera yanquis de América latina/ franceses, ingleses y holandeses/ yo te quiero libre Palestina” e “Aqui estou com Anita Tijoux, aqui estou com os que sofrem, e não com os que te venderam, aqui estou com a resistência cultural”, Ana Tijoux e Shadia Mansour evidenciam o caráter revolucionário da música. A segunda música analisada neste resumo é Maskhara de Bashar Murad. Diferente de Shadia Mansour, Bashar Murad nasceu em território palestino e vive em Jerusalém Oriental. Murad é assumidamente homossexual e aliado do movimento LGBTQIA+ no mundo árabe, enfrentando múltiplas formas de opressão. Em Maskhara o artista expressa a angústia da vivência em um espaço ocupado pelo exército israelense e a opressão social da comunidade LGBTQIA+ em uma sociedade conservadora. Sua melodia é marcada pela mistura das batidas eletrônicas do pop ocidental com o tradicional alaúde árabe, criando uma atmosfera que fusiona elementos do Oriente Médio e do pop internacional.

O refrão “Sirva outro copo/ Enrole outro cigarro/ Talvez eu esqueça dessa zombaria/ Sinto que estou retrocedendo/ Dois passos à frente/ e dez passos atrás”, pode remeter, inicialmente, a um convite para uma fuga da realidade, mas reflete a rotina opressiva dos palestinos diante da ocupação militar e, sendo homossexual, a marginalização dentro de sua própria cultura. Murad ainda critica a ideia de que o Estado de Israel oferece maior liberdade para a comunidade LGBTQIA+, problematizando o conceito de “refúgio” para palestinos homossexuais. A metodologia corresponde à interpretação das letras e músicas e ao estudo das condições em que os artistas produzem seus trabalhos. Diante das produções musicais analisadas é possível observar a força da arte em contextos de resistências de povos silenciados. Por meio da música, Shadia e Bashar expressam sua revolta contra a crueldade colonialista israelense.

TURISMO, SÍMBOLOS MUNICIPAIS E MEIO AMBIENTE – RELATOS SOBRE A PRIMEIRA FASE DO PROJETO DE EXTENSÃO “PATRIMÔNIOS AMBIENTAIS: RIQUEZAS A SEREM DESCOBERTAS”

Ariane Ferreira Clavijo

E-mail: arianeclavijo.aluno@unipampa.edu.br

Co-autora: Francielle De Lima

E-mail: franciellelima@unipampa.edu.br

Universidade Federal do Pampa

Orientadora: Francielle De Lima

O planejamento de propostas turísticas que destacam os símbolos municipais pode representar uma forma importante de promoção da identidade local e de experiências mais significativas para os visitantes/turistas, uma vez que representam os elementos mais expressivos de uma comunidade. De um símbolo municipal, surgiu a ideia de planejar e organizar o Projeto de extensão universitária denominado “Patrimônios ambientais – riquezas a serem descobertas”, desenvolvido em Jaguarão, município do Estado do Rio Grande do Sul. O projeto vem sendo executado desde 2023 e por etapas. Na primeira fase, o destaque foi a Árvore Símbolo de Jaguarão: Anacauíta, instituída oficialmente por meio da Lei Municipal nº.5.953, de 24 de junho de 2014. A espécie também é conhecida por diversos outros nomes, tais como Aroeira-salsa, Aroeira-piriquita e Aroeira-mole. Ademais, ela pertence à família Anacardiaceae e cientificamente é chamada de *Schinus molle* L., sendo uma planta de ocorrência natural no Brasil, com uma distribuição geográfica desde o Estado de Minas Gerais até o Rio Grande do Sul, embora também esteja presente do centro da Argentina e Uruguai até o Caribe. A escolha desta espécie como símbolo de Jaguarão se deu principalmente por seus atributos botânicos e ecológicos. A Anacauíta apresenta um sistema radicular não muito profundo e é uma árvore de médio porte, podendo ser utilizada na arborização urbana. Requer pouca manutenção, o que é ideal para áreas urbanas onde recursos podem ser limitados. Ainda, atrai aves e insetos, contribuindo para a biodiversidade e está presente em número significativo no município. Um dos destaques do projeto corresponde à instalação de placas interpretativas com acesso via Qr Codes a conteúdo sobre a espécie em diversos idiomas (português, espanhol, inglês e libras) e áudio, o que evidencia uma das premissas do turismo responsável: o acesso a diferentes públicos. Portanto, a iniciativa é uma oportunidade de estimular o conhecimento via turismo e a conexão entre sujeitos e ambiente, favorecendo o respeito à natureza e fortalecendo o orgulho local e a identidade cultural, através de um trabalho intencional, construído na coletividade a partir da valorização de particularidades locais.

Entre os resultados alcançados com a primeira fase estão: a ampliação de conhecimentos sobre a espécie, tanto por residentes quanto visitantes/turistas; o aumento do número de espaços públicos e instituições educacionais com exemplares da Anacauíta; a sensibilização para a importância das árvores em ambientes urbanos, uma vez que elas proporcionam benefícios tanto para a saúde mental como física dos sujeitos, bem como desempenham um papel fundamental para o ecossistema; a instigação da curiosidade sobre questões ambientais via ampliação do olhar sobre as riquezas locais e do Bioma Pampa; e a integração de pessoas representativas de diferentes segmentos da sociedade (públicos e privados) interessadas na causa sustentável, as quais acreditam que a mudança começa com ações individuais que, somadas, podem fazer a diferença.

MEMÓRIA E TEMPORALIDADE NO ACIDENTE COM O CÉSIO-137 (GOIÁS, 1987)

Mateus de Souza Teixeira

E-mail: mtbats16@gmail.com

Universidade Federal do Pampa

Orientadora: Renata dal Sasso Freitas

A presente pesquisa visa analisar o acidente radiológico com o césio-137 ocorrido em Goiânia no ano de 1987, focando nas narrativas que contribuíram para seu esquecimento pelo Estado e pela sociedade. A pesquisa explora como os desastres, especialmente os tecnológicos e ambientais, são frequentemente apagados da memória coletiva e das políticas públicas, apesar das consequências duradouras que as vítimas enfrentam. O estudo contextualiza o evento dentro dos contextos históricos, sociais, políticos e econômicos do Brasil nos anos 1980, discutindo as relações entre memória, trauma e esquecimento.

"A ÁGUA É UMA PROMESSA QUE APARECE DE 4 EM 4 ANOS": OS ENTES HÍDRICOS E A ESCASSEZ DE ÁGUA NUM ASSENTAMENTO EM CAPÃO DO LEÃO

Juliana dos Santos Nunes
E-mail: jujukanunes@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas
Orientadora: Rosane Rubert

A presente comunicação tem a intenção de apresentar alguns desdobramentos da pesquisa de doutorado em andamento, realizada a partir dos referenciais teóricos e metodológicos da antropologia (Peirano, 1995) visando trazer os problemas relativos à questão das águas na cidade do Capão do Leão, sul do Rio Grande do Sul, junto às comunidades de pequenos agricultores familiares assentados, desde 1993, nos Assentamentos Construtores da Palma e 24 de Novembro. Levando em consideração os modos de saber-fazer praticados pelas famílias, especialmente a produção agrícola e as relações hidrossociais (Camacho; Camargo, 2019). A ocupação das terras no Capão do Leão se deu na antiga Fazenda da Palma, que pertencia à Universidade Federal de Pelotas, conforme a narrativa de dona Salete, o próprio reitor, o Amílcar Gigante, ajudou a cortar o arrame para que as famílias pudessem montar o acampamento.

A propriedade de Sebastião e Salete está localizada na beira do Arroio Teodósio, quando questionados sobre o acesso à água foi o que bastou para revelar os problemas enfrentados, agudizados pela seca deste verão, acarretando na perda de boa parte da lavoura de milho. Perguntei sobre a captação de água do arroio, contaram-me que aquela água estava imprópria para o uso, humano e animal, por estar contaminada pelos dejetos largados por uma fábrica; Essa água passou por uma análise e nela foi encontrada soda cáustica, então dona Salete diz: “somos pobres de água, tendo tanta água na volta, como é o caso das barragens com água boa que estão perto do assentamento”. Há inúmeras promessas de captação a partir dos corpos hídricos que circundam o assentamento e aqui o mais referido são as obras que envolvem o canal São Gonçalo que se arrastam há anos, mas que estão em fase de conclusão, conforme consta na Corsan.

Foi nesse momento que dona Salete, descascando o aipim para terminar uma encomenda, diz: “a água é uma promessa que aparece de 4 em 4 anos, que se renova de 4 em 4 anos com as eleições”. Com isso é possível delinear um paradoxo quanto as relações hidrossociais, além da necessidade de políticas públicas para acesso à potabilidade adequada. Também nos mostra o quanto a ontologia capitalista transforma corpos hídricos em recursos e com isso objetifica a água, que é vendida enquanto um bem material.

Estamos diante não somente de um processo de exclusão hídrica, mas de um jogo complexo que envolve distintas concepções de mundo: de um lado as ontologias capitalistas (Haraway, 2016), que transformam em objeto comerciável os entes naturais e de outro as ontologias dos assentados e suas relacionalidades (Escobar, 2016) com esses entes, terra – água, que não podem ser vistas separadamente.

Assim, as imagens que se constroem sobre as águas giram em torno dessa dupla face, ou melhor, tomando de empréstimo os ensinamentos de Bruno Latour (2005), de uma controvérsia, ou também de uma equivocação controlada, como sugere Viveiros de Castro (2018) e Marisol de la Cadena (2018), marcada por relativa abundância em tempos de chuva e escassez extrema no verão.

Por fim, que na verdade é apenas o começo, podemos ainda falar em termos de uma justiça ambiental, como nos sugere Henri Acserald: “A denúncia da desigualdade ambiental sugere uma distribuição desigual das partes de um meio ambiente de diferentes qualidades e injustamente dividido (p. 28)”.

PREPARE A ERVA, COMECE A PENSAR: O ROCK GAÚCHO E A SUBVERSÃO DO HERÓI REGIONAL EM 'AMIGO PUNK' E 'PELEIA'

Maria Alcina Luiz Alves

E-mail: marialuiz.aluno@unipampa.edu.br

Co-autora: Eduarda Fernandes Jaime Leão

E-mail: eduardajaimeleao@gmail.com

Universidade Federal do Pampa

Orientador: Guinter Tlajja Leipnitz

O rock gaúcho é marcado pela tensão entre tradição e modernidade. As canções "Amigo Punk", da Graforréia Xilarmônica, e "Peleia", da Ultramen, trazem consigo essa dualidade ao subverterem o estereótipo do herói gaúcho. Enquanto "Amigo Punk" faz uma sátira direta, contrastando a figura do tradicional gaúcho com o punk rebelde e urbano, "Peleia" explora o confronto cotidiano, misturando influências da música negra, reggae, rap e rock com o imaginário de luta e resistência do herói comum no tradicionalismo gaúcho. Essas duas músicas não apenas representam uma crítica ao conservadorismo cultural do Sul do Brasil, mas também buscam desmistificar a ideia do gaúcho como homem branco de olhos azuis e herói. Ao utilizarem o humor e a ironia (em "Amigo Punk") e a linguagem da resistência da diversidade cultural (em "Peleia"), ambas as bandas colocam em pauta a complexidade da identidade regional e questionam a rigidez do tradicionalismo. Este trabalho busca promover um diálogo entre o passado e o presente, mostrando como elas contribuem para a desconstrução e reconstrução da figura do "herói gaúcho", refletindo as transformações culturais e sociais vividas no Rio Grande do Sul. Em entrevista à Revista Quem, o vocalista da Ultramen, Tonho Crocco, fala que a canção "Peleia" foi criada a partir de um sample da música "Não Podemos se Entregá Pros Home". A utilização da composição existente visou uma crítica ao machismo, à misoginia e ao racismo. "Peleia" se tornou símbolo de resistência após a tragédia ambiental ocorrida no Rio Grande do Sul, em maio de 2024. Em junho, foi lançado um livro baseado na música, com o objetivo de mostrar às crianças como os gaúchos enfrentaram os desafios acarretados pela enchente. A Editora Final Feliz disponibilizou a obra para download gratuito, com a intenção de alcançar o maior número possível de crianças. Tanto a música "Peleia" quanto "Amigo Punk" realizam uma sátira acompanhada de uma crítica à ideia da tradição e do ser gaúcho. As músicas apresentam um novo olhar sobre esta terra e sobre a diversidade do povo gaúcho, sendo que a cultura ou a contracultura do rock gaúcho traz consigo uma crítica à história deste estado, que por muitas vezes se agarra a suas tradições e a suas histórias heroicas, mas realiza um apagamento histórico de sua população menos favorecida — homens e mulheres, indígenas e negros —, além da própria história de carnificina proporcionada por seus "heróis", como o próprio massacre dos Farrapos.

Olhares estéticos: reconfigurações

YO SOY LA FELIZ VIOLETA: O RECONTAR DAS ARTES PARA O PÚBLICO INFANTOJUVENIL E AS SEMENTES DE UM LEGADO CULTURAL

Marcia Rosane Herrera Velasques Lopes

E-mail: marcialopes3526@gmail.com

Universidade Federal do Pampa

Orientadora: Geice Peres Nunes

Este resumo apresenta um recorte do meu trabalho de conclusão de curso intitulado *Yo soy la feliz Violeta: El arte de coser la memoria y la cultura en la ficción*, que foi embasado no estudo de *Yo soy la feliz Violeta*, livro infantojuvenil da escritora Ana María del Río y da ilustradora Karina Cocq, publicado em 2017. Nesse estudo, objetiva-se evidenciar o diálogo entre a literatura, a música e outras artes, através da obra citada. O livro em questão traz a cantora, artista plástica e importante difusora das artes e da música chilena, Violeta del Carmen Parra Sandoval, como a voz que narra suas vivências de infância. Nesse narrar, Violeta exalta a cultura oral de cantos e rezas provenientes de um repertório popular chileno em vias de extinção. Estas músicas e rezas eram guardadas nas memórias dos campesinos: “las canciones y los ritmos son especiales de estos lugares, normalmente cantados en ocasiones especiales, por ejemplo, en funerales también y en época de cosecha, para celebrar (LOPES, 2023, p. 43).” Essas ideias confirmam que a artista Violeta Parra sempre esteve conectada com a cultura popular de seu país, inspirando-se nela e utilizando-se ora da música, ora das artes visuais, com a confecção de arpilleras, por exemplo, que proporcionaram fazer a crítica social, divulgar os costumes e a musicalidade de seu povo. Como uma obra infantojuvenil, *Yo soy la feliz Violeta* ilustra a importância de colocar a mulher como referência cultural e feminina na sociedade, com atitudes à frente do seu tempo, como também confirma o livro Violeta Parra para chicas y chicos: “una princesa nómade, porque nunca se quedó quieta. Esta artista chilena salió por los caminos profundos de su país a buscar en los pueblitos perdidos las canciones que no llegaban a otras partes” (FINK; SÁA, 2016, p. 3). Outro aspecto ressaltado é o modo como o livro *Yo soy la feliz Violeta* (2017) pode provocar os jovens leitores a sensações e despertar a curiosidade sobre a biografia da artista e a história sócio-política chilena. Além disso, cabe ressaltar que a obra possibilita ser lida sob diferentes enfoques hoje bastante recorrentes nas produções para crianças e jovens, segundo Teresa Colomer (2017), pois apresenta a renovação do folclore, traços da multiculturalidade, da crítica social, assim como da memória histórica. Esse conjunto de aspectos resulta em uma maior consciência e conhecimento sobre a cultura chilena, envolvendo a música e outras artes em uma experiência de leitura em que cada vez mais podemos ter o entendimento que a literatura nos brinda com todas as épocas e saberes.

FRAGMENTOS LITERÁRIOS: DUAS AMÉRICAS E A CRISE AMBIENTAL NA DISTOPIA DO NOVO MUNDO

Rodrigo Soria de Moraes

E-mail: rodrigosoria.aluno@unipampa.edu.br

Universidade Federal do Pampa

Orientador: Carlos Garcia Rizzon

A chegada de Cristóvão Colombo à América, em 1492, no processo de expansão colonialista e mercantil do ocidente europeu, mais do que um marco histórico e temporal que alterou a conformação do mundo, é o evento que inaugura o contato e estabelece, imediata e continuamente, um conflito entre duas maneiras de existir, de ser, que permeia a história e as relações socioculturais americanas e repercute na crise ambiental que ameaça a vida no planeta, já que prevaleceram, até então, os ideais mesquinhos e predatórios do capitalismo antropocêntrico, trazidos por Colombo, em detrimento das tradições dos povos originários, profundamente integradas à natureza, onde o indivíduo atua em benefício do coletivo, pois percebe-se apenas como parte do todo, sem o qual, sucumbe; é um fio que compõe o universo, ajudando a tramar o tecido da vida. A análise desse confronto cultural, existencial, através da literatura, sintetiza os objetivos deste texto, que se apoia em três obras literárias principais como objeto de estudo e delas recolhe fragmentos, para compará-los, interpretá-los e, a partir disso, apresentar significações, que têm por base o colapso climático, e por pretensão gerar um estímulo que faça o receptor refletir sobre as escolhas que vêm conduzindo o Novo Mundo ao caos, com evidente e anunciado risco à conservação da vida humana na Terra. Usando, sobretudo, excertos das obras *A opção – Terra: A solução para a terra não cai do céu*, de Leonardo Boff, e *Alfabetização Ecológica*, de Waverli Maia Matarazzo-Neuberger e Suzana Vaz, como embasamento teórico, a estrutura do trabalho divide-se em três tópicos. No primeiro, analisa-se o conto *As duas Américas*, de Carlos Fuentes, seguido da obra *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la consciencia*, relato recolhido e organizado por Elizabeth Burgos, e, no terceiro tópico, o poema/canção *Ameríndia*, de Martim César Gonçalves e Paulo Timm. Essa opção estrutural, entende-se, guarda coerência lógica com o conjunto e os propósitos do trabalho, pois permite, pela análise inicial de *As duas Américas*, um olhar sobre todos os contrastes civilizatórios que se quer observar no texto, favorecido pela multiplicidade de tempos e espaços que Fuentes oferece nesse conto, cujo enredo, ao ocupar vazios históricos com ficção, cria imagens que naturalmente sugerem comparações entre o ontem e o hoje, e reflexões sobre o amanhã. Depois, o relato de Rigoberta Menchú, indígena guatemalteca, opera uma mudança de foco narrativo e traz uma fonte primária como testemunha dos costumes gregários e da relação sagrada que o seu povo tem com a Terra. O poema *Ameríndia*, no

arremate, tem a virtude sistêmica de renovar a análise em torno do confronto civilizacional, síntese dos objetivos do trabalho, ao mesmo tempo em que alcança os resultados esperados com sua apresentação, pois simultaneamente denuncia a violência física e moral, a destruição do meio ambiente, a injustiça e a desigualdade impostas aos povos originários pela ocupação europeia, e, ao perguntar se não somos mais índios que brancos, faz meditar sobre a contradição entre o ser, em essência, em face do ser que é, conduzido por idealizações universalizantes.

PROJETO ESPAÑOL PARA NIÑOS, POR UN MUNDO MEJOR: EXPERIÊNCIAS DE SALA DE AULA

Léo Andrey Fontaine Cunha

E-mail: leocunha.aluno@unipampa.edu.br

Universidade Federal do Pampa

Co-autora: Prof. Cristina Pureza Boessio

Co-autora: Lilian Fontaine Nunes

E-mail: liliannunes.aluno@unipampa.br

Orientadora: Prof. Cristina Pureza Boessio

Durante os sábados à tarde, no câmpus Jaguarão, é desenvolvido o projeto espanhol para niños por un mundo mejor. Este trabalho consiste em apresentar o que naturalmente é feito com alunos/crianças de 5 a 7 , possibilitando que as crianças introduzam todas as experiências feitas em aula na sua vida e para toda vida. Primeiramente, os professores e os alunos são convidados a fazer um tour pela universidade, regando as árvores frutíferas e as flores que são plantadas pela próprias crianças durante o curso de extensão. Assim, elas aprendem o que é uma semente na teoria e também pondo a “mão na massa”, centrados em estar em contato com a natureza literalmente, enquanto isso aprendem a língua espanhola. Eles desenvolvem conhecimento de como fazer mudas de árvores frutíferas e são ensinadas a usar a composteira de minhocas sendo elas alimentadas pelas crianças durante a aula e o fertilizante natural produzido pelos animais é usado por elas para adubar as plantas e árvores cultivadas . A todo momento são trabalhados vídeos lúdicos para trabalhar os alimentos saudáveis em espanhol, enfatizando a importância de consumi-los. Nesse contexto, o próprio lanche das crianças, muitas vezes, elas ajudam a fazer saladas de frutas, hambúrgueres e sanduíches naturais. São feitas brincadeiras, como degustações as cegas de frutas e legumes pra desenvolver o paladar em questão aos produtos saudáveis, são feitos cartazes, colagens e pinturas sobre como podemos cuidar da natureza e o que são hábitos saudáveis e o que não é saudável. O resultado desse trabalho é sempre muito satisfatório, levando em consideração os relatos dos pais, que são sempre positivos.

TERRA, RESISTÊNCIA E POESIA NA OBRA “NO FUNDO DO CANTO”, DE MARIA ODETE COSTA SEMEDO

Mateus Vieira Có

E-mail: mateusco.aluno@unipampa.edu.br

Universidade Federal do Pampa

Orientadora: Marcela Wanglon Richter

Este trabalho objetiva analisar poemas da professora, escritora e poeta guineense Maria Odete Costa Semedo. A obra de Semedo está vinculada às lutas pela independência de Guiné-Bissau. Em 1973, o país proclamou sua independência como um país soberano livre de invasão do império de Portugal, que há décadas governava e denominava a Guiné-Bissau, de Guiné-portuguesa. Neste contexto, a poeta mergulhou no mundo da indagação através dos acontecimentos que marcaram o país e o povo, invadidos nos seus territórios por corpos estranhos. Neste trabalho, analisarei os poemas do seu livro intitulado “No fundo do canto” (2003). Ao longo dos séculos, a Guiné Bissau foi invadida pelo então império de Portugal. O país foi ocupado pelo regime salazarista que impulsionou a dominação dos territórios Africanos. Na maior parte desses espaços, a língua portuguesa foi herdada como língua oficial, evidenciando que Guiné-Bissau não escapou deste jugo colonial. Foi nesse sentido que Semedo, imbuída da ancestralidade e da memória do passado, demonstra a necessidade de trazer para a sociedade, através de sua poesia, a violência cometida pelo império de Portugal contra o povo guineense, ao dizer no seu poema: “Bissau sentiu os golpes não verteu lágrima vergou” Este trecho que será analisado é uma declaração de que o país estava sendo violado e violentado. O povo sofreu as dores provocadas por corpos estranhos no seu território, e estes mesmos corpos que estavam maltratando o povo guineense também deixavam marcas nos territórios sagrados. Apesar da luta do povo para libertar-se das violências, o poder colonizador criou muitos estragos. Semedo acredita que os guineenses resistiram à opressão como pode ser visto no verso em que ela disse: “Bissau com dor dos seus filhos mas não se quebrou, ajoelhou-se mas não caiu”, manifesto poético que expressa tudo o que o povo sofria naquele tempo. Sofreram muitas perdas humanas, o povo sentiu-se quebrado por dentro, mas defendeu seu território e conseguiu expulsar os invasores. Sendo assim, a poesia de Semedo assume o poder de profetizar e revelar tudo o que se passa neste contexto. O poema “Espanto de Bissau” evidencia essa perspectiva de abertura crítica e de compreensão que a poesia assume diante dos seus leitores e do mundo. Além disso, ela incentiva em seus poemas e fortalece guineenses e leitores a terem esperança de que o amanhã virá e as coisas podem mudar para melhor, e que cada filho, cada cidadão deste país viverá em paz e tranquilidade sem que seja obrigada ou coagida a fazer o que não quer.

MAR POÉTICO NO MUNDO DE SOPHIA

Sharon da Cunha Peres Moreno Medeiros

E-mail: sharonmedeiros.aluno@unipampa.edu.br

Universidade Federal do Pampa

Orientadora: Marcela Wanglon Richter

Poeta da Literatura Portuguesa, Sophia de Mello Andresen Breyner apresenta em suas obras uma conexão profunda com a natureza. Desde criança, quando estava a brincar em seu jardim, a poeta desenvolveu uma percepção aguçada em relação ao real percebido. Neste âmbito, o vínculo com os elementos da natureza passou a fazer parte do imaginário da criança e reverberam em sua obra poética. A poeta começou a publicar suas obras em 1940. Adicionalmente, também escreveu contos, ensaios e obras para crianças. Também foi uma mulher que lutou pela liberdade em Portugal, engajamento social manifesto no poema “25 de Abril” . Suas obras poéticas carregam consigo uma linguagem clara, precisa e metáforas que associam poesia, natureza e vida. Sophia nasceu em 1919, no Porto, e teve contato com as praias de Portugal, especificamente a Praia da Ganja. Esse espaço foi o ponto de partida para o seu contato com o mar. Neste sentido, sua principal fonte de inspiração é o mar, imagem poética recorrente nos poemas de sua trajetória. Vasto, sereno, pacífico, revoltado, impetuoso, forte: o mar ocupa lugar central na obra da poeta. Todos os caminhos de sua trajetória levam ao tão misterioso e majestoso mar. Por meio das imagens poéticas do mar, Sophia expressa em seus poemas uma leitura ética da vida. A complexidade da essência do ser, o engajamento social da arte, e a busca do sujeito por liberdade, aparecem nas águas desse universo poético. Sendo assim, este trabalho investiga a presença e a dimensão ética e estética da imagem do mar na obra de Sophia, com vistas a contribuir com a divulgação da obra da poeta e com a compreensão de alguns caminhos filosóficos de seu pensamento.

A casa de todos nós

Vejo um centauro no espaço
Sob o céu da meia noite
A lua é argola do açoite
As estrelas são seu laço
Na imensidão desse traço
De homem, céu e cavalo
Quase antevejo o pealo
Que Deus pinta em sua palheta
Querem fugir do planeta
Os que não sabem cuidá-lo

Quem mata a mãe-natureza
Transforma tudo em dinheiro
Vê na Terra um hospedeiro
Não mais que uma frágil presa
Suga da flor sua beleza
Corta do mundo seu talo
Mas deve ouvir - ao cortá-lo
Os sete anjos da trombeta:
Querem fugir do planeta
Os que não sabem cuidá-lo

Ninguém é contra o progresso
Desde que seja consciente
Mas a evolução incoerente
Que tudo faz pelo sucesso
Não é avanço, é retrocesso
Um caminho que ao cruzá-lo
Joga o futuro no ralo
A esperança na sarjeta...
Querem fugir do planeta
Os que não sabem cuidá-lo

Faz tempo que avisa a Terra
Já seus sinais são bem claros
Que o nosso lar é tão raro
Que um grande milagre encerra
Por isso não entende a guerra
De um ser que vive a matá-lo
Os que não sabem amá-lo
Já estão armando a maleta...
Querem fugir do planeta
Os que não sabem cuidá-lo.

Martim César/Pedro Munhoz

GALERIA

Gambano e os Aventureiros Ambientais - 8 de outubro de 2024



Imagem: Guintier Tlajja Leipnitz



Imagem: Guinter Tlajja Leipnitz

Conferências - 8 de outubro de 2024



Imagem: Guinter Tlajja Leipnitz

Sessões de apresentações de trabalhos - 9 de outubro de 2024



Imagem: Guinter Tlajja Leipnitz



Imagem: Guinter Tlajja Leipnitz

Sarau América Latina - “Llamamiento de la tierra” - 9 de outubro de 2024

Helio Ramirez e Regis Bardini



Imagem: Mateus de Souza Teixeira



Imagem: Mateus de Souza Teixeira



Imagem: Julio Raymundo

Duglas Bessa e Hector Rojas



Imagem: Mateus de Souza Teixeira



Imagem: Julio Raymundo



Imagem: Julio Raymundo

Abriendo Porteras



Foto: Julio Raymundo

Imagem: Julio Raymundo



Imagem: Mateus de Souza Teixeira



Imagem: Mateus de Souza Teixeira

Sami & Edgar



Imagem: Julio Raymundo



Imagem: Mateus de Souza Teixeira



Imagem: Mateus de Souza Teixeira

Marcela Mescalina



Foto: Julio Raymundo

Imagem: Julio Raymundo



Imagem: Mateus de Souza Teixeira



Imagem: Mateus de Souza Teixeira

Hector Rojas, Martim César, Hélio Ramirez, Regis Bardini e Duglas Bessa



Imagem: Mateus de Souza Teixeira



Imagem: Mateus de Souza Teixeira

Sarau América Latina

“El llamamiento de la tierra”³

3 O registro audiovisual do sarau pode ser conferido por meio dos links:
https://www.youtube.com/watch?v=0k_ihCoqjV0&t=3538s e
https://www.youtube.com/watch?v=WJ0I5vR__w&t=2381s.

https://www.youtube.com/watch?v=WJ0I5vR__w&t=2381s

Esquinas: Abertura e intertexto⁴

Günter Tlajja Leipnitz

Boa noite

Mas que pampa é essa, que eu recebo agora? Dos campos desertos que não geram pão, onde a ganância anda de rédeas soltas?

Onde a mata nativa instiga o olho que só visa me levar, sobe fumaça branca e a pupila se abre pra avisar

Não, não é a fumaça dos farrapos, você acha que é bem?

É a fumaça cinza da floresta que queima noite e dia, el cielo que se llena de humo y se vuelve oscuro

Enquanto isso, no sertão, segue o seco, a boiada seca, na enxurrada seca, a trovoadas seca, na enxada seca

O sertão, que vai virar mar, e dá no coração, o medo que algum dia o mar também vire sertão

Ah, mas quando chove no sertão, o sol deita e a água rola, o sapo vomita espuma, onde um boi pisa se atola, e a fartura esconde o saco, que a fome pedia esmola

Apúrate, José, todo el bicherío la está anunciando como nunca fue, la creciente otra vez

No subtropical, chega ao campo e à cidade, la inundación numero no sé cuanto, vitimando gente com piel de color marrón

⁴Texto apresentado na abertura da atividade “Sarau artístico “América Latina: El llamamiento de la tierra”, que encerrou o evento, elaborado a partir de fragmentos das seguintes canções (segundo ordem de citação): “Herdeiro da pampa pobre”, de Vaine Darde e Gaúcho da Fronteira, “Indo ao pampa”, de Vitor Ramil, “Llamamiento de la tierra, de Martim César e Helio Ramirez, “Segue o seco”, de Antonio Carlos Santos de Freitas e Marisa Monte, “Sobradinho”, de Sá & Guarabyra, “Chover (ou invocação para um dia líquido)”, de Clayton Barros e Lirinha, “Apúrate, José”, de Teresa Parodi, “La inundación número no sé cuanto”, de Piero e Jose Tcherkaski, “Clube da Esquina nº2”, de Marcio Borges, Milton Nascimento e Lô Borges, “Passaredo” de Chico Buarque e Francis Hime, “Reis do agronegócio”, de Carlos Rennó e Chico César, “Terra”, de Caetano Veloso, “O sal da terra”, de Beto Guedes e Ronaldo Bastos, “Aguacero”, de Perota Chingó, “Movimiento”, de Jorge Drexler, “Y arriba quemando el sol”, de Violeta Parra e “Como la cigarra”, de Maria Elena Walsh.

Um rio de asfalto e gente, que entorna pela ladeira, entope o meio fio

Violento rio que arrasta tudo, mas e a violência das margens que o comprimem, quem as colocou ali?

“Não é hora de procurar culpados”

Bico calado, toma cuidado, o homem vem aí

Bico calado, muito cuidado, o homem vem aí

“Agro é tech, agro é pop, agro é tudo”

“Agro é tech, agro é pop”, o agro não poupa ninguém

Você que aumenta todo ano sua posse, e que polui cada palmo de terreno, que possui cada qual um latifúndio, e que destrata e destrói o ambiente

Você envenenaria um parente?

O rio Doce é nosso avô, Watu, não um recurso, disse Krenak, um sábio guardião da floresta

Você envenenaria um parente?

Quando você chegou distante, há 500 anos, errante navegante, os mais antigos donos dessa terra jamais te esqueceriam

Terra, o mais bonito dos planetas, tão te maltratando por dinheiro

Tierra mama, que me enseña, cambian las flores, las estaciones pintan las suelas del viajero

Sabe a tierra y soy pasajero, de los Andes hoy, aguacero soy

Si somos una espécie en viaje, vamos escutar quem estava aqui bem antes, os guardiães da floresta, para que não seja viagem sem volta

Cambiamos a humanidade, cambiamos o sistema que devora este planeta, o único que temos

Se cambia tódo o nos lleva el viento

Y arriba quemando el sol, seguimos cantando, como la cigarra

Escutemos os velhos sábios e sábias, atendamos o chamado da terra

Por que eu não quero deixar pros meus filhos, a pampa pobre, inundada, o sertão seco, miserável e a floresta morta, em chamas

Atendamos al Llamamiento de la Tierra.

Canções e poemas performados (em ordem de apresentação)

Hélio Ramirez e Regis Bardini

- “Laguna Merín” (Hélio Ramirez)
- “Rio, rumo, meu coração” (Hélio Ramirez)
- “Barqueiro do Rio Jaguarão” (Hélio Ramirez)
- “Velho Chico Brasileiro” (Hélio Ramirez)

Martim César

- “Ameríndia” (Martim César)

Duglas Bessa e Hector Rojas

- “Cuando los ángeles lloran” (Maná)
- “Tuiuiú” (João Bá)
- “Sobreviviendo” (Victor Heredia)
- “La inundación número no sé cuanto” (Piero)

Martim César

- “Quando os indígenas invadiram a Europa” (Martim César)

Abriendo Porteras

- “El río es no solo eso” (Anibal Sampayo)
- “Yaguatirica” (Alfredo Zitarrosa)
- “La rochense” (Daniel Guerra)
- “Mercedita” (Ramón Sixto Ríos)
- “El bolichón” (Daniel Ramunday)

Sami & Edgar

- “De pescadores” (Grupo La Mitad)
- “Com a tropilha por diante” (Kiko Goulart / Rogerio Villagran)
- “Laguna Merín del Este” (Ricardo Canario Martinez)
- “A fuego lento” (Rosana Arbelo)

Marcela Mescalina

- “Sobradinho” (Sá & Guarabyra)
- “Nos barracos da cidade” (Gilberto Gil)
- “Negra” (Marcela Mescalina / Marília Koosby)
- “Primavera nos dentes” (Secos & Molhados)

Martim César

- “Segredo” (Martim César)

Hélio Ramirez, Regis Bardini, Douglas Bessa e Hector Rojas

- “Llamamiento de la tierra” (Martim César / Hélio Ramirez)

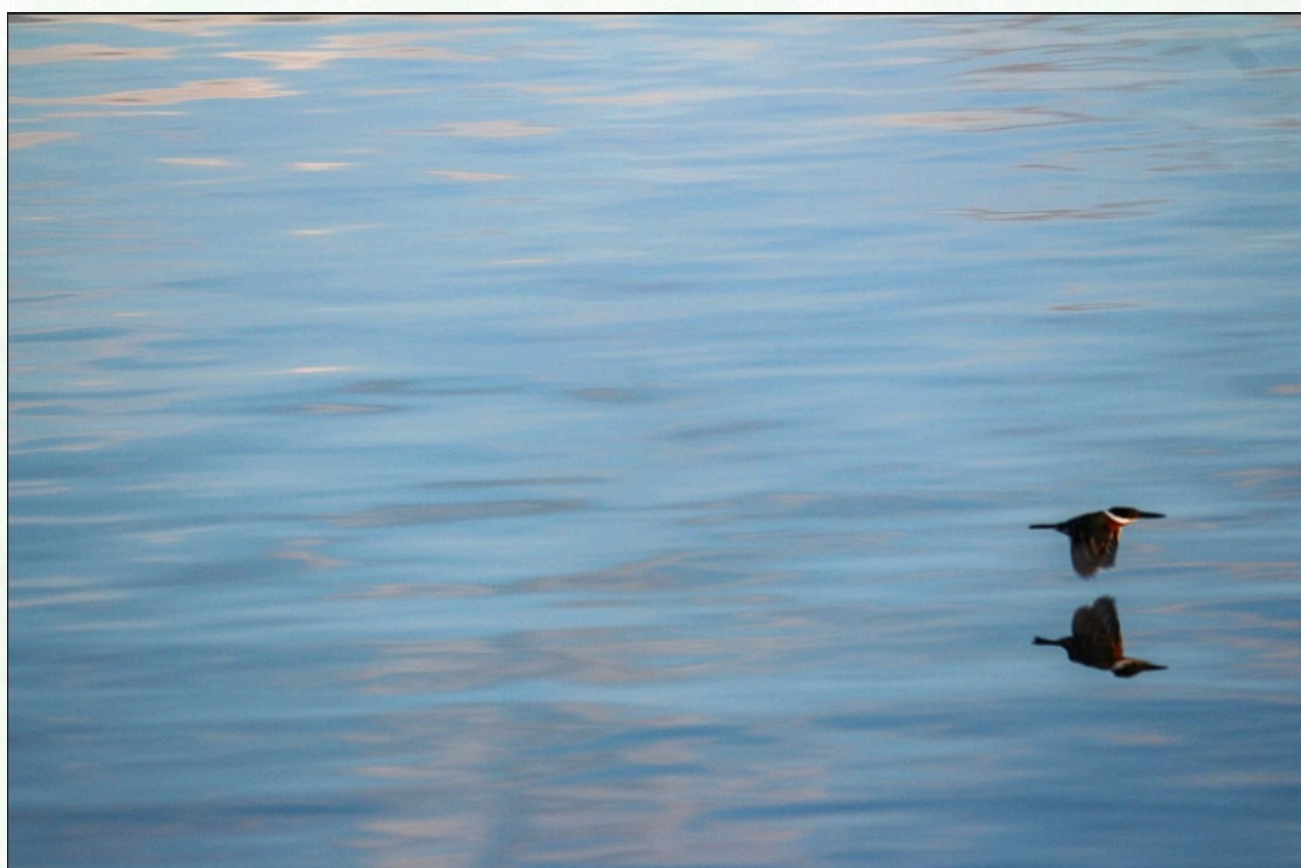
Douglas Bessa e Hector Rojas

- “Tocando em frente” (Almir Sater / Renato Teixeira)

Fotografias de Niel Nié, nome artístico de Daniel Abib Castanho Leal, deram forma ao material de divulgação do Esquinas del Sur - 2ª edição



Barco Laranja



Solitário

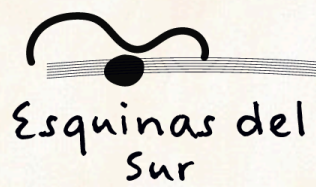


Barcos

Retratos do Rio Jaguarão é a série que expõe este cenário em diferentes situações, desde a beleza exaltada pelas formas e cores, até a degradação do ambiente captadas pelo olhar do artista.

Outras imagens do fotógrafo podem ser acessadas no link:

https://www.flickr.com/photos/nie_nie/albums/72157718984720324/with/51130122584



Este e-book foi composto com a fonte
arial 13, em setembro de 2025.

ISBN: 978-65-01-74052-2

CD



9 786501 740522